

El movimiento antivacunas en Brasil y Francia: un análisis de los comentarios en las páginas de Facebook

The anti-vaccine movement in Brazil and France: an analysis of comments on Facebook pages

O movimento antivacina no Brasil e na França: uma análise de comentários em páginas do Facebook



e-ISSN: 1605 -4806
VOL 24 N° 110 Enero - Abril 2021 Varia pp. 497-513
Recibido 23-02-2021 Aprobado 11-05-2021
<https://doi.org/10.26807/rp.v25i110.1750>

Vanessa Brasil de Carvalho

Brasil
Fundação Oswaldo Cruz
vanessabrasilcarvalho@gmail.com

Luisa Massarani

Brasil
Instituto Nacional de Comunicação Pública em Ciência e Tecnologia (INCT-CPCT)
luisa.massarani@fiocruz.br

Mônica Macedo-Rouet

Brasil
Universidade Paris 8
mgoncalves-macedo@univ-paris8.fr

Resumen

En este artículo, analizamos los comentarios sobre las publicaciones más comentadas en las páginas de Facebook relacionadas con el movimiento antivacunas en Brasil y Francia. Nuestro objetivo es comparar las discusiones del movimiento en ambos países, que tienen un perfil diferente. Mientras que en el país europeo el movimiento ya es conocido y activo política y socialmente, en Brasil solo hay algunos indicios de su presencia de manera más organizada. Este perfil fue corroborado por el análisis, que indicó una discusión más neu-

tral en los comentarios brasileños, con intercambio de información entre los miembros del grupo. En la página francesa, más del 40% de la discusión estuvo relacionada con una posición explícita en contra de las vacunas.

Palabras clave: movimiento antivacunas, Facebook, Francia, Brasil.

Abstract

In this paper, we analyze comments on the most commented posts on Facebook pages related to the anti-vaccine movement in Brazil and France. We aim to compare discussions in the movement in both countries, which have a different profile. While in the European country the movement is already known and active politically and socially, in Brazil, there are only a few signs of its presence in a more organized way. This profile was corroborated by the analysis, which indicated a more neutral discussion in the Brazilian comments, with exchange of information among the members of the group. On the French page, more than 40% of the discussion was related to an explicit anti-vaccine position.

Keywords: anti-vaccine movement, Facebook, France, Brazil.

Resumo

Neste artigo, apresentamos uma análise de comentários das postagens mais comentadas de páginas do Facebook relacionados ao movimento antivacina no Brasil e na França. O objetivo é estabelecer uma comparação das discussões e da atuação do movimento nos dois países, que possuem um perfil diferenciado. Enquanto no país europeu o movimento já é conhecido e atuante política e socialmente, no Brasil, há apenas alguns indícios de sua presença de forma mais organizada. Esse perfil foi corroborado pela análise, que indicou uma discussão mais neutra nos comentários brasileiros, com troca de informações entre os integrantes do grupo. Já na página em francês, mais de 40% da discussão estavam relacionados a um posicionamento antivacina explícito.

Palavras-chave: movimento antivacina, Facebook, França, Brasil.

1. Introdução

O movimento antivacina é um fenômeno mundial e heterogêneo, uma vez que a decisão de se vacinar envolve inúmeros fatores. Por isso, muitos estudiosos e organizações públicas têm utilizado conceito de hesitação vacinal (*vaccine hesitancy*, em sua acepção original em inglês) para englobar essa complexidade de comportamentos. Nesse grupo podem estar pessoas que demoram a se vacinar (mas se vacinam em algum momento), que se vacinam mesmo com dúvidas, aquelas com resistência a apenas uma vacina espe-

cífica e aquelas que não aceitam nenhum tipo de imunização (Larson *et al.*, 2014; Sato, 2018; Dubé *et al.*, 2013).

Larson e colaboradores (2014) registram que há uma maior quantidade de estudos sobre a hesitação em vacinar na Europa e Américas, porém, o cenário é complexo e não se pode ter certeza que o movimento é mais forte nessas regiões ou se, nas demais partes do mundo, esse grupo atua de formas diferenciadas.

Entre os 67 países analisados por Larson e colaboradores (2016), há uma grande variabilidade da percepção da população sobre vacinas. Na Europa, o sentimento negativo é mais intenso, já que sete entre os dez países que menos confiam na vacinação são europeus. Na França, 41% dos entrevistados veem as vacinas como inseguras, enquanto a média mundial é 13%. Em contrapartida, no Brasil, 97% da população acreditam que é importante que as crianças sejam vacinadas (Wellcome Trust, 2018). Esse perfil diferenciado dos países em relação a hesitação vacinal nos instigou a analisar a atuação do movimento antivacina e a estabelecer uma comparação entre eles.

Mais especificamente, levamos em consideração que a internet é a segunda fonte em que brasileiros e franceses mais procuram informações sobre conteúdos científicos (CGEE, 2019; European Commission, 2017) e que o uso da internet tem permitido um maior alcance dos grupos antivacina nos últimos anos (Poland & Jacobson, 2001). Nesse cenário, as redes sociais têm se tornado uma importante fonte de informação sobre vacinas (DU *et al.*, 2020).

Dessa forma, nossa proposta¹ é analisar duas páginas da plataforma virtual Facebook relacionadas ao movimento em cada país: uma em língua portuguesa e outra, francesa. Nosso objetivo é entender de que maneira esse grupo se comunica – e consequentemente, se fortalece – nessas páginas a partir dos comentários das postagens mais comentadas em cada página. Assim, esperamos contribuir para a compreensão do movimento como forma de subsídio para ações educativas relativas à vacinação.

Histórico do movimento antivacina na França e no Brasil

Segundo a Wellcome Trust (2018), um a cada três franceses vê as vacinas como inseguras. Essa frequência é a maior entre todos os países em que a organização desenvolve suas pesquisas. Já o Brasil está na outra ponta do ranking: 97% da população acredita que é importante que as crianças sejam vacinadas.

Essa divergência entre os dois países possui inúmeras razões e pode ser analisada de diversas maneiras. A França, por exemplo, já possuía a Liga Nacional para a liberação das vacinações² por volta de 1880. Inicialmente, as atividades da Liga estavam ligadas

1 Este estudo foi desenvolvido com o apoio do Programa de Cooperação Internacional CAPES / COFECUB, incluindo uma bolsa de estudos de pós-doutorado na Universidade de Paris VIII, financiada pela CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior do Ministério da Educação do Brasil. Também foi realizado no âmbito do Instituto Nacional de Comunicação Pública da Ciência e Tecnologia, que tem apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ).

2 Tradução livre para “Ligue Nationale pour la Liberté des Vaccinations”.

à vacina contra a varíola e, com o tempo, outras vacinas foram incluídas nas discussões (LNPLV, 2020).

Mais recentemente, na década de 1990, os grupos franceses antivacina passaram a advogar para a suspensão da vacina contra hepatite B entre adolescentes, alegando que tal vacina gerava efeitos colaterais. O aumento da pressão social desses grupos resultou na efetiva suspensão do imunizante em 1998, indo contra as recomendações da Organização Mundial de Saúde (OMS). Quando houve a confirmação de que tais efeitos colaterais não existiam, a vacina voltou a ser recomendada. Anos depois, a LNPLV fez uma série de ações para que fosse revogada a obrigatoriedade da vacina BCG, contra a tuberculose. A suspensão da obrigatoriedade ocorreu em 2007, ainda que seja recomendada para crianças e profissionais de saúde hoje (Poland & Jacobson, 2001; Republique Française, 2020a, 2020b; LNPLV, 2020).

Esse cenário francês gera algumas especificidades. Na pesquisa de Allaert e colaboradores (2009) com pais franceses e alemães, 15,3% dos franceses estavam relutantes em vacinar seus filhos contra a catapora, enquanto que entre os alemães, a taxa era 7,1%. Nesse caso, os autores perceberam que os médicos franceses pouco incentivaram a vacinação e isso pode ter uma influência nessa taxa de hesitação.

Peretti-Watel e colaboradores (2013) investigaram o impacto que a pandemia do vírus H1N1 no ano de 2009 nas atitudes de franceses em relação à vacinação como um todo, utilizando dados dos anos de 2000, 2005 e 2010 e entrevistas com pessoas de 18 a 75 anos. Observaram que ações desfavoráveis à vacinação cresceram significativamente: de 8,5% em 2000 para 38,5% em 2010. Houve um aumento desse posicionamento contrário entre as pessoas com menor escolaridade e remuneração, o que pode indicar que pessoas marginalizadas tenham mais resistência a confiar nas autoridades de saúde e na indústria farmacêutica.

Atualmente, as diretrizes de vacinação do governo francês se dividem em dois grupos. Para aqueles que nasceram antes de 2018, há três vacinas obrigatórias: contra difteria, tétano e poliomielite. Os residentes da Guiana também devem tomar a vacina contra a febre amarela. As imunizações contra tuberculose, coqueluche, rubéola, sarampo, caxumba, gripe, catapora, hepatite B, HPV, haemophilus influenzae do tipo B, pneumoco e meningococo C são recomendadas – porém, não são obrigatórias (Republique Française, 2020b).

Já para quem nasceu após 2018, são 11 as vacinas obrigatórias: contra difteria, tétano, poliomielite, coqueluche, Haemophilus influenzae do tipo B, hépatite B, pneumoco, meningococo C, sarampo, caxumba e rubéola. A obrigatoriedade da imunização contra a febre amarela permanece para os residentes da Guiana, enquanto que as vacinas recomendadas são aquelas contra a tuberculose, a catapora e a gripe. Atualmente, o Serviço de Informações sobre as Vacinações na França observa um aumento na cobertura vacinal desde a ampliação da quantidade de vacinas obrigatórias em 2018 (Vacination Info-Service, 2020).

No contexto latino-americano, a vacina foi introduzida no Brasil no ano de 1804,

porém, seu marco histórico no país data de cem anos depois. Em 1904, foi instaurada a imunização compulsória contra a varíola na cidade do Rio de Janeiro, então capital do país. O governo foi duramente criticado pelas medidas autoritárias, o que resultou em um motim popular em novembro (Shimizu, 2018; Pinto Júnior, 2019; Porto, 2003). Para Cantisano (2015), são vários fatores que contribuíram para a eclosão da revolta, incluindo questões econômicas, políticas e luta pela proteção dos direitos civis.

Mesmo assim, nos anos seguintes, as políticas de vacinação são intensificadas em nível nacional e o Brasil alcança altas taxas de imunização. Em 1973, foi formulado o Programa Nacional de Imunizações (PNI), visando coordenar as ações de imunizações em todo o país de forma unificada e sistematizada (Ministério da Saúde, 2020).

Desde a década de 1980, a cobertura vacinal aumentou de 50% do público para uma média de 95% nas vacinas registradas no Boletim Epidemiológico do Ministério da Saúde (Ministério da Saúde, 2015). Por isso, o país é conhecido por suas grandes campanhas de vacinação, que chegam a registrar a cobertura universal entre a população e ainda é um grande produtor de imunizantes (Paim *et al.*, 2011).

Atualmente, o Ministério da Saúde (2020) indica 15 vacinas obrigatórias, que imunizam contra 20 doenças, a serem aplicadas antes dos dois anos de idade, sem contar os reforços ou várias doses necessárias para a imunização. São elas: BCG (tuberculose), hepatite B, penta (difteria, tétano, coqueluche, hepatite B e infecções causadas pelo *Haemophilus influenzae B*), poliomielite (inativada e atenuada), pneumocócica 10 Valente (pneumonia, otite, meningite e outras doenças causadas pelo *Pneumococo*), Rotavírus, Meningocócica C (doença causada pela *Neisseria meningitidis* do sorogrupo C), tríplice viral (sarampo, caxumba e rubéola), DTP (difteria, tétano e coqueluche), febre amarela, hepatite A, tetra viral (sarampo, rubéola, caxumba e catapora), varicela/catapora atenuada e gripe. Já na fase adolescente, é recomendada a vacina contra o HPV (papiloma, vírus humano).

Segundo os dados de Sato (2018), tem-se observado uma queda a partir de 2016, de cerca de 10 a 20 pontos percentuais, redução essa que veio acompanhada pelo aumento da mortalidade infantil e materna nesse mesmo período. Beltrão e colaboradores (2020) possuem a mesma perspectiva e preocupação de Sato (2018) sobre a queda nas taxas de vacinação brasileira depois de 2016. Os autores, porém, percebem um movimento mundial de redução nas imunizações, lembrando de casos recente tanto na Europa como nos Estados Unidos. Contudo, em razão do contexto recente, ainda não é possível saber se essa queda, no caso do Brasil, acontece como consequência do fortalecimento do movimento antivacina no país.

Para Sato (2018), as possíveis razões para essa queda são diversas e vão desde de um enfraquecimento do Sistema Único de Saúde (SUS) a aspectos sócio culturais e, possivelmente, ao crescimento do movimento antivacina no país. O Ministério da Saúde, imunologistas, epidemiologistas e especialistas em saúde pública enumeram possíveis razões, como a percepção enganosa dos pais de que não é mais necessário vacinar por-

que as doenças desapareceram; o medo dos efeitos colaterais; o receio de que o número elevado de vacinas no organismo possa sobrecarregar o sistema imunológico; não recomendação dos médicos; e notícias falsas sobre a vacinação (Zorzetto, 2018).

3. Os antivacina na internet e no Facebook

Para Poland e Jacobson (2001), o grupo antivacina utiliza a internet para intensificar a divulgação de suas ideias, destacando exageros e dramatizando os (supostos) casos das reações adversas. Segundo Ward e colaboradores (2015), sites críticos à vacinação são facilmente encontrados em uma busca na plataforma Google de países com as maiores comunidades de falantes nativos de francês: França, Bélgica e Suíça. Os autores analisaram 17 websites críticos à vacinação na língua francesa e perceberam que quase todos eles destacavam a segurança das vacinas – o que, facilmente, se transformava em críticas às mesmas.

Nos sites, havia uma reduzida taxa de confiança em autoridades governamentais e na comunidade médica e algumas das justificativas para tal desconfiança eram: (1) a percepção de que as recomendações de vacinas poderiam ser motivadas pelo lucro das indústrias; (2) autoritarismo e abuso de poder por parte de médicos e do Estado; e (3) informações poderiam ser encobertas ou poderiam ser até mentiras para tornar possível a vacinação em massa.

Para Smith e Graham (2019), uma razão para o aumento do destaque midiático do movimento antivacina seria a atuação do movimento em comunidades virtuais em diversas plataformas – como YouTube, Twitter e Facebook. Exemplo disso, é a análise de larga escala no Facebook de Johnson e colaboradores (2020), que registraram posicionamentos em relação às vacinas de cerca de cem milhões de usuários da plataforma. Na pesquisa, foi possível perceber que são poucos os perfis e páginas contrárias à vacinação – se comparados com os perfis pró-vacina. Contudo, os antivacina tornaram-se importantes geradores de debates e têm uma grande participação nas discussões de grupos considerados “indecisos” quanto à imunização, além de serem mais ativos e estabelecerem mais conexões na rede social.

Em menor escala, Smith e Graham (2019) analisaram seis páginas explicitamente contrárias à vacinação presentes no Facebook e verificaram que o discurso desses grupos girava em torno da indignação moral e da crítica à opressão estrutural realizada pelos governos e pela mídia em relação ao movimento. Essa rejeição expressa corroboraria suas ideias de conspiração. Havia uma larga participação feminina e alguns dos tópicos principais desses grupos eram: (1) a organização do movimento para a realização de ações concretas; (2) a questão da censura da mídia a temáticas críticas à vacinação; (3) a abordagem da vacinação como genocídio; e (4) os efeitos colaterais das vacinas.

Já Faasse, Chatman e Martin (2016) investigaram comentários a favor e contra a vacinação feitos em uma postagem no Facebook sobre a vacinação de um bebê de grande repercussão. As autoras se voltaram para a análise de um comentário em espe-

cífico, que gerou 1489 respostas, observando que os comentários antivacina eram construídos com lógica analítica e textual e traziam referências de saúde. Em contrapartida, as respostas pró-vacinação evidenciavam ansiedade e questões familiares e sociais como argumentos.

Para Smith e Graham (2019), a comunidade antivacina no Facebook não possui altos níveis de interatividade entre si, ou seja, não é uma rede fortemente estruturada ou ativa. Ao contrário, possui características de uma rede de pequena escala, na qual as informações são difundidas rapidamente, mas com pouca interação e contribuição coletiva. Apesar disso, a comunidade consegue se manter ao longo do tempo e dar suporte para os seus membros a nível até global, mantendo o movimento atuante.

No Brasil, Saraiva e De Faria (2019) analisaram o grupo público no Facebook “O lado obscuro das vacinas”, percebendo que houve um aumento tanto no número de inscritos quanto na quantidade de publicações de 2016 a 2019. As postagens mais comentadas (cerca de 100 comentários) eram as de relatos sobre efeitos colaterais de vacinas, notícias de sites destinados a apoiadores do Movimento Antivacina e informações – distorcidas, segundo as autoras – de portais noticiosos.

Almeida (2019), por sua vez, desenvolveu uma comparação entre os grupos “O lado obscuro das vacinas” e “Sou contra a vacina HPV”, identificando o perfil de postagens e de atores. Para tanto, a autora investigou os perfis das pessoas que mais comentavam, registrando as postagens pessoais recentes, fotos e descrição para identificar gênero, escolaridade, profissão e se a pessoa possuía filhos. Havia uma maioria feminina e pessoas com filhos. Havia ainda profissionais da saúde, como fisioterapeutas, médicas, nutricionistas, enfermeiras e psicólogas. Já os temas mais comuns eram a eficácia das vacinas e os seus efeitos colaterais, testemunhos pessoais, crítica às autoridades e a quem opta por se vacinar e manifestações religiosas.

Ribeiro (2018) também analisou o mesmo grupo e pondera que este tem um cunho ideológico claro contra a vacinação, de maneira que, quem procura o mesmo, não terá uma abordagem ampla sobre a temática, mas apenas um destaque para o “lado” antivacina. Além disso, Ribeiro (2018) observou que apenas cerca de 30% das postagens que traziam dados científicos citavam a fonte para tal informação e, muitas vezes, essa fonte não corroborava o argumento antivacina. Ou seja, havia muitas informações sem fonte ou com distorções de informações. Por isso, a autora concluiu que o grupo carece de fontes confiáveis para defender seu ponto de vista contra as vacinas.

4. Metodología

A primeira etapa de coleta de dados dessa pesquisa foi a busca por páginas e grupos públicos do Facebook relacionados com o movimento antivacina. A busca foi feita em 17 de dezembro de 2019 com as palavras-chave “vacinação”, “vacina”, “antivacina” e “antivacinação” – e suas traduções para o francês. Para identificar o posicionamento antivacina de páginas e grupos, observou-se a descrição e as postagens mais recentes.

Identificamos nove páginas e nove grupos públicos em português, e 24 páginas e 58 grupos em francês, sendo que, no caso francês, nenhum grupo possuía mais de 11 membros. Tal fato nos levou a centrar a atenção nas páginas com mais curtidas nas duas línguas. Assim, as páginas escolhidas foram “Contra vacina HPV-Gardasil” e “Non au vaccin” (Não às vacinas, em tradução livre), das quais analisamos, neste artigo, os comentários das dez postagens mais comentadas, a partir de dados coletados de 18 a 23 de janeiro de 2020.

A página “Contra a vacina HPV-Gardasil” contava com 2.817 ‘curtidas’ e 2.807 seguidores em 27 de julho de 2020. Seis das dez postagens mais comentadas da página eram depoimentos e/ou histórias de jovens que apresentaram sintomas graves após receberem a vacina contra o HPV.³ Havia ainda três matérias jornalísticas de portais de notícias nacionais,⁴ que também destacavam supostos casos de efeitos adversos da vacina. Vale ressaltar, porém, que as reportagens afirmavam a não existência de relação cientificamente comprovada entre a vacina e os sintomas das jovens. Uma outra postagem era um chamamento de atenção aos pais, porém, o texto estava cortado – podendo ser o caso de um conteúdo excluído ou pelo usuário ou pelo próprio Facebook.⁵

A página “Non au vaccin” registrava 21.192 curtidas e 23.629 seguidores em 27 de julho de 2020 e as suas postagens eram mais diversas. Havia duas postagens com informações falsas, sendo uma detectada pelo próprio Facebook.⁶ Três postagens traziam informações sem fontes ou com fontes parciais e tendenciosas.⁷ Duas postagens apresentavam informações de fontes confiáveis e que foi possível identificar a sua procedência.⁸ Contudo, as postagens enfatizavam dados e conclusões que não estavam presentes nas fontes originais citadas. Ou seja, era um recorte enviesado dos dados apresentados – e destacando o perigo das vacinas. Outras duas postagens destacavam teorias da conspiração, como a toxicidade de vacinas, o possível envenenamento de crianças, conspiração entre governos e indústrias farmacêuticas, organizações eugenistas e até satanistas.⁹ Por fim, outra postagem trazia o vídeo de um médico que demonstrava preocupação com o aumento da quantidade de vacinas obrigatórias.¹⁰

Nesta pesquisa, foram incluídos na análise todos os comentários das dez postagens mais comentadas da página em português, totalizando 335 comentários. Já na página em francês, registramos 2.191 comentários em suas dez postagens mais comentadas e, em razão dessa grande quantidade e buscando uma paridade entre os países, incluímos no *corpus* os 40 primeiros comentários de cada postagem, ou seja, 400 comentários ao todo.

3 Postadas em: 28/08/2014; 30/08/2014; três postagens no dia 02/09/2014 e 03/09/2014

4 Postadas em 06/09/2014; 08/09/2014 e 05/10/2014.

5 Postada em 30/08/2014.

6 Postadas em 07/03/2018 e 26/08/2019.

7 Postadas em 30/12/2017; 01/06/2019 e 28/07/2019.

8 Postadas em 17/08/2017 e 29/11/2017.

9 Postadas em 09/08/2018 e 20/03/2019.

10 Postada em 07/08/2017.

Posteriormente, os comentários foram submetidos à análise de conteúdo, na qual identificamos a página relacionada, as datas de publicação, registros das reações ao comentário e seus autores. Também foi feita uma classificação dos tipos de comentários, identificando se eram: (1) marcação de pessoas para ler a postagem; (2) troca de informações, sem especificação do posicionamento (ex.: quais vacinas são obrigatórias; qual a idade de vacinação; solicitação de informações sobre supostos efeitos colaterais, etc.); (3) surpresa com a informação apresentada na postagem ou nos comentários; (4) dúvida quanto à veracidade da informação apresentada na postagem ou nos comentários; (5) percepção geral sobre o mal da humanidade ou do país; (6) em branco, links externos não disponíveis ou indefinido (erros de digitação, incompreensíveis); (7) votos de melhoras ou de força à família ou à (suposta) vítima. Inclui discurso religioso; (8) posicionamento contra vacinas ou afirmação de que não se vacinou ou não se vacinaria; (9) questionamento/dúvida sobre a necessidade de se vacinar; (10) testemunho pessoal ou familiar de (supostos) efeitos colaterais ou de vacinação compulsória; (11) desconfiança em relação a vacinas, governantes, médicos, produtores de vacinas, farmacêuticas e pessoas vacinadas; (12) mobilização para apoio a regulamentações que indiquem a responsabilização das empresas farmacêuticas ou governos em casos de efeitos colaterais; (13) discurso de ódio (inclui xenofobia e racismo); e (14) posicionamento a favor de vacinas.

5. Resultados

Entre os autores dos comentários da página “Contra a vacina HPV-Gardasil” (N = 335), a maior parte era de pseudônimos femininos: 284 comentários (84,8%). Pseudônimos masculinos comentaram 42 vezes (12,5%) e a própria página chegou a se fazer presente na discussão em dois momentos (0,6%). Além deles, sete comentários (2,1%) foram feitos por perfis de empresas privadas.

Mais da metade dos comentários (59,7%) foi feita apenas para marcar pessoas no Facebook. Esse é um recurso utilizado para que a pessoa marcada na postagem ou no comentário veja o que está sendo publicado. Ou seja, é uma forma de incentivar a pessoa a ler o conteúdo. Nesse caso, não foi possível identificar qual o posicionamento de quem fez o comentário, porém, pode-se inferir que a informação postada foi relevante o suficiente para que muitas pessoas a quisessem compartilhar.

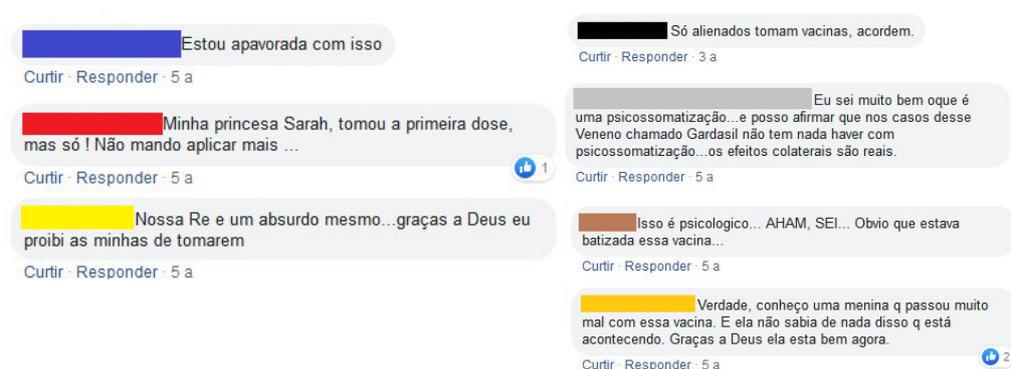
A troca de informações entre os participantes do grupo foi relativamente frequente (7,5% do total de comentários na página) e se caracterizou pela solicitação sobre os prazos de vacinação, a faixa etária foco das campanhas ou obrigatoriedade. Dois comentários questionaram a real necessidade de se vacinar, mas também sem possível identificação do seu posicionamento em relação à vacinação.

Dez comentários (3,0%) demonstraram surpresa com os supostos casos de efeitos adversos à vacina contra o HPV; outros oito (2,4%) eram orações religiosas pelas jovens citadas; e três (0,9%) destacaram o mal presente no mundo de hoje.

Sete comentários (2,1%) questionaram a veracidade das informações divulgadas, demonstrando dúvida ou criticidade em relação aos casos apresentados. Já um posicionamento claramente contra a vacina HPV-Gardasil esteve presente em 49 comentários (14,6%). Eram pessoas que diziam que **não** iam vacinar seus filhos, que acreditavam que essa vacina em específico e outras vacinas eram perigosas, de jovens que agradeciam suas mães por não terem permitido que elas fossem vacinadas, entre outros depoimentos.

O medo ou desconfiança quanto às vacinas, indústrias farmacêuticas, médicos e governos foi ressaltado em quatro comentários (1,2%) e ainda duas pessoas (0,6%) afirmaram conhecer casos de efeitos adversos semelhantes aos relatados na postagem. Uma pessoa, inclusive, apoiava uma mobilização coletiva daqueles que foram afetados pela vacina, dizendo “meu parecer: toda família que tem uma vítima (da vacina contra o) HPV deveriam se unir e entrar com processo contra o governo”. Veja alguns exemplos desses posicionamentos contrários às vacinas abaixo.

Imagem 1 – Comentários na página “Contra Vacina HPV-Gardasil” nas postagens dos dias 06 de setembro e 5 de outubro de 2014



As pessoas que apoiam a vacinação também participaram do debate na página “Contra vacina HPV-Gardasil”, tendo feito 18 comentários (5,5%). Neles, havia uma tentativa de esclarecimento das informações sobre as vacinas de uma forma geral e da vacina contra o HPV, mais especificamente. Porém, como os dados demonstram, foram tais tentativas de contato com o grupo não foram recorrentes. Veja abaixo um exemplo de debate na página.

Imagem 2 – Comentários na página “Contra Vacina HPV-Gardasil” na postagem do dia 30 de agosto de 2014 “Precisamos está (sic) atentos...”



Outros sete comentários (2,1%) da página em português foram identificados como “indefinidos” ou por estarem em branco ou por terem imagens apagadas ou por impossibilidade de leitura em razão (erros de digitação, por exemplo) ou ainda por serem links de páginas que não existem mais.

Da mesma forma que na página “Contra vacina HPV-Gardasil”, a “Non au vaccin” (N = 400) teve mais comentários de pseudônimos femininos: 251 comentários (62,8%). Os pseudônimos masculinos comentaram 75 vezes (18,8%), a própria página participou quatro vezes (1,0%) e empresas, apenas uma vez (0,3%). Por outro lado, registrou-se muitos de perfis “não identificados”, totalizando 69 comentários dessa autoria (17,3%). Eram perfis em que não foi possível atribuir um gênero ao autor por serem perfis sem fotos de pessoas, tendo como nomes títulos ou frases não específicas, além de serem perfis sem publicações pessoais, fotos ou amigos. A nosso ver, parecem ser perfis falsos, possivelmente, criados para ampliar e potencializar discussões no Facebook.

Em relação aos tipos de comentários, o que mais foi recorrente foi a troca de informações entre os membros da página: 104 comentários (26,0%). A marcação de pessoas também esteve presente (13%), assim como a expressão de dúvida quanto à veracidade da informação apresentada (3,5%). Votos de melhoras para as supostas vítimas, surpresa com as informações e a presença de discurso religioso também foram registrados, mas não ultrapassaram 3% dos comentários da página.

Em “Non au vaccin”, o posicionamento contra a vacinação foi maior. Quase 25% dos comentários apresentavam tais características explicitamente; 13,5% demonstravam medo ou desconfiança quanto às vacinas, indústrias farmacêuticas, médicos e governos; e oito apoiavam regulamentações que obriguem governos e indústrias farmacêuticas

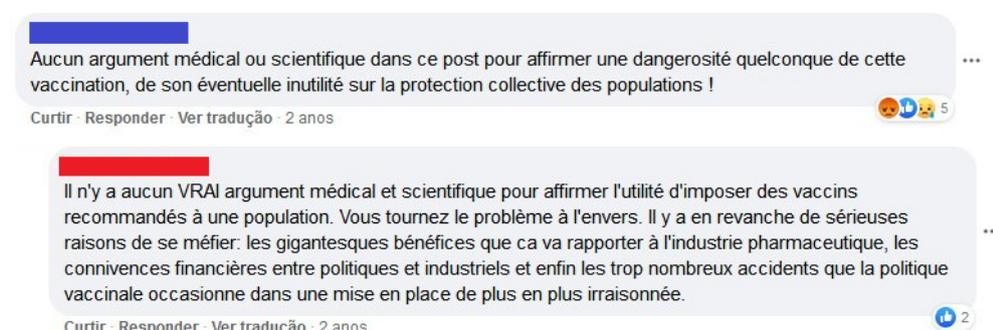
a ser responsabilizarem diretamente pelos casos de efeitos adversos. Além disso, nove comentários (2,3%) eram testemunhos de casos de efeitos adversos ou de vacinação compulsória. Houve destaque para a questão da ampliação da quantidade de vacinas obrigatórias na França, implementadas a partir de 2018. Veja alguns exemplos a seguir.

Imagem 3 – Comentários na página “Non au vaccin” nas postagens dos dias 17 de agosto e 30 de dezembro de 2017



Nessas discussões, surgiram comentários que traziam discurso de ódio (2,0%) como forma de justificar ou culpabilizar um grupo social ou étnico pelo retorno de doenças antigas ou por enfermidades novas. Esses eram direcionados a pessoas negras ou imigrantes. Por fim, a participação de pessoas pró-vacina foi reduzida, estando presente em 28 comentários (7,0%). Veja um exemplo do diálogo abaixo.

Imagem 4 – Comentários na página “Non au vaccin” na postagem do dia 7 de agosto de 2017 “Vaccination obligatoire ?...”



6. Discussão e considerações finais

Esta pesquisa possibilitou a observação de duas páginas do movimento antivacina no Brasil e na França. No país europeu, nossos dados, ainda que não possam ser generalizados devido à amostra não probabilística, sugerem que o movimento é mais consolidado e estruturado, o que está de acordo com a história dos grupos antivacina na Europa. Esse cenário também pode ser exemplificado pela grande quantidade e variedade de perfis de páginas e grupos voltados para as discussões do movimento.

Por outro lado, os grupos públicos e as páginas do Facebook em português foram mais raros e apresentaram um enfoque específico contra um imunizante, em especial, a vacina contra o HPV. Nesse sentido, essas páginas e grupos públicos foram criados em um momento particular do país, quando esta vacina começou a ser distribuída no país – a partir de 2014. Essa característica parece indicar que o movimento de hesitação vacinal é recente e ainda não organizado no país, tendo sido fortalecido por um acontecimento pontual: os supostos casos de efeitos colaterais em meninas vacinadas.

Esse cenário também fica mais claro quando se analisa as páginas “Contra a vacina HPV-Gardasil” e “Non au vaccin”. Na página em português, as postagens mais comentadas são todas de 2014, quando os supostos casos de efeitos colaterais aconteceram, e as atividades recentes da página se resumem a comentários.

Em contrapartida, na página em francês, percebe-se uma atividade constante de muitas publicações por dia e muitas postagens que recebem mais de 100 comentários, sobre os mais diversos temas. Nesse contexto, é preciso destacar que a ampliação da quantidade vacinas obrigatórias na França, a partir de 2018, foi um ponto de debate importante nas postagens analisadas. Essa mudança pode ter ampliado o poder de discussão do movimento, atualizando as temáticas e, possivelmente, potencializando o seu alcance.

Quanto aos autores dos comentários e membros mais atuantes nas discussões analisadas, percebemos que os pseudônimos femininos dominam esse espaço. Ou seja, é um cenário similar ao que Almeida (2019) e Smith e Graham (2019) observaram em seus estudos, mostrando um possível padrão do movimento antivacina.

Uma questão que se destaca nesse sentido é a presença de perfis possivelmente falsos na página em francês. Os ‘bots’, ou robôs, vem sendo analisados em estudos relacionados à *fake news*. Contudo, Vosoughi, Roy e Aral (2018) observaram tanto robôs como pessoas reais tem o mesmo potencial para acelerar ou intensificar uma discussão on-line, de maneira que o poder dos bots não é tão grande quanto se supunha.

Assim, podemos inferir que a presença desses bots na página “Non au vaccin” também pode estar relacionada ao perfil mais consolidado e organizado do movimento. Mesmo que não seja para *ampliar* a discussão, até porque a sua presença não foi majoritária, os bots podem ter um papel de *manter* o debate. Já no Brasil, onde o movimento ainda parece ser incipiente – de acordo com o levantamento bibliográfico e os dados desta pesquisa –, a atuação na página “Contra a vacina HPV-Gardasil” parece ser realizada por pessoas reais, uma vez que não identificamos bots entre os autores dos comentários.

Em relação aos tipos de comentários, no Brasil, a maior parte da discussão das postagens girou em torno de divulgar a informação para outras pessoas (59,7%) e troca de informações diversas (7,5%). Apenas uma pequena parcela dos comentários era declaradamente contra a vacina (cerca de 15%), seja por medo ou desconfiança do governo e/ou das indústrias farmacêuticas.

Nesse caso, vale lembrar do estudo de Johnson e colaboradores (2020), que percebe uma atuação mais ativa do grupo antivacina em discussões de pessoas indecisas quanto às imunizações. Talvez a página “Contra a vacina HPV-Gardasil” tenha ganhado espaço, curtidas e seguidores em razão da busca de pessoas indecisas por mais informações sobre os supostos casos adversos. Porém, tais informações contidas nas postagens mais comentadas da página eram, em grande parte, enviesadas e tendenciosas, com perfil antivacina.

Por outro lado, cerca de 42% dos comentários na página “Non au vaccin” eram contrários à vacinação, demonstrando medo ou desconfiança em relação a mesma ou ainda traziam testemunhos de efeitos adversos – que seriam uma razão para a não-vacinação. Embora o engajamento de pessoas pró-vacina tenha sido maior nesta página do que naquela em português (7% contra 5,5%), a discussão em francês foi pautada pelos antivacina. Ademais, ressalta-se a presença de teorias da conspiração nesta página, nos comentários que demonstravam o medo e a desconfiança a diferentes atores sociais envolvidos na vacinação.

Essa desconfiança em relação às autoridades governamentais, às indústrias farmacêuticas e aos médicos já havia sido observada entre os participantes franceses da pesquisa de Peretti-Watel e colaboradores (2013) e nos websites em língua francesa na análise de Ward e colaboradores (2015). Nos dois estudos, a insegurança das vacinas aflora em razão da falta de confiança em quem as produz (farmacêuticas), em quem as recomenda (médicos) e em quem as torna obrigatórias (autoridades governamentais) – pois haveria muitos conflitos de interesses envolvidos entre esses atores, informações ocultas ou censuradas e abuso de poder.

Vale lembrar, também, que algumas das justificativas que o movimento antivacina

usa para justificar o seu posicionamento são: o medo de efeitos colaterais pós-vacina, as vacinas como veneno ou toxinas, questionamentos sobre sua eficácia e formulação e o interesse financeiro da indústria farmacêutica (Poland & Jacobson, 2001; Sato, 2018). Ou seja, são alguns dos argumentos – e preocupações – que observamos em nosso estudo. Houve críticas aos governos como um todo, mas também a políticos envolvidos na ampliação da quantidade de vacinas obrigatórias na França. Houve ainda apoio a regulamentações que obrigassem governos e indústrias farmacêuticas a ser responsabilizarem diretamente pelos casos de efeitos adversos, nessa tentativa de se ter mais segurança com os imunizantes.

Dessa forma, considerando que a OMS (2019) já havia indicado que o movimento seria uma das maiores ameaças à saúde pública mundial, esperamos ter contribuído para o mapeamento e as análises voltadas para o movimento antivacina, tanto no Brasil como na França – e na Europa, por conseguinte. Especialmente, concordamos com Guimarães (2020), pois sabemos que será preciso ultrapassar o discurso dos grupos antivacina para se ter uma vacinação em massa contra a Covid-19 – doença que se tornou pandêmica e alterou o cotidiano social em 2020. Por isso, entendemos que se torna necessário monitorar o movimento no Brasil e no mundo.

Agradecimentos

A autora Vanessa Brasil de Carvalho agradece à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela bolsa de pós-doutorado no âmbito do Programa de Cooperação Internacional CAPES / COFECUB.

A autora Luisa Massarani agradece ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pela bolsa produtividade 1B e à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ) pela bolsa Cientista do Nosso Estado.

7. Referências

- ALLAERT, F. et al. (2009). Parents' attitudes towards varicella vaccination acceptance in France and Germany: effect of vaccine recommendation and reimbursement (a survey). *Journal of Public Health*, 17(2), 71-76.
- ALMEIDA, A. (2019). *Movimento antivacinas na internet: da apropriação e recirculação do jornalismo de saúde ao empoderamento de grupos no Facebook*. (Mestrado). Universidade Federal do Paraná: Curitiba.
- APS, L. et al. (2018). Eventos adversos de vacinas e as consequências da não vacinação: uma análise crítica. *Revista de Saúde Pública*, 52, 40-53.
- BELTRÃO, R. et al. (2020). Perigo do movimento antivacina: análise epidemio-literária do movimento antivacinação no Brasil. *REAS*, 12 (6)
- CANTISANO, P. (2015) Lares, tribunais e ruas: a inviolabilidade de domicílio e a Revolta da Vacina. *Revista Direito e Práxis*, 6(2), 294-325.
- CENTRO DE GESTÃO E ESTUDOS ESTRATÉGICOS (CGEE). (2019). *Percepção Pública de C&T no Brasil: resumo executivo*. Brasília: CGEE.
- DU, J. et al. (2020). Use of Deep Learning to Analyze Social Media Discussions About the Human Papillomavirus Vaccine. *JAMA*, 3(11)
- DUBÉ, E. et al. (2013). Vaccine hesitancy: an overview. *Human vaccines & immunotherapeutics*, 9(8), 1763-1773.
- FAASSE, K.; CHATMAN, C. & MARTIN, L. (2016). A comparison of language use in pro-and anti-vaccination comments in response to a high profile Facebook post. *Vaccine*, 34(47), 5808-5814.
- GUIMARÃES, R. (2020). Vacinas anticovid: um olhar da saúde coletiva. *Ciência & Saúde Coletiva*, 25, 3579-

- 3585.
- JOHNSON, N. et al. (2020). The online competition between pro-and anti-vaccination views. *Nature*, 582(7811), 230-233.
- LARSON, H. et al. (2016). The state of vaccine confidence 2016: global insights through a 67-country survey. *EBioMedicine*, 12, 295-301.
- _____. et al. (2014). Understanding vaccine hesitancy around vaccines and vaccination from a global perspective: a systematic review of published literature, 2007–2012. *Vaccine*, 32 (19), 2150-2159.
- LIGUE NATIONALE POUR LA LIBERTÉ DES VACCINATIONS (LNPLV). (2020) *Historique de la Ligue Nationale pour la Liberté des Vaccinations*. Disponível em: <<https://bitly.com/yj26N>>. Acesso em 08 jul 2020.
- MINISTÉRIO DA SAÚDE. (2015). *Boletim epidemiológico*, 46(30).
- _____. (2020). *Sobre o Programa*. Disponível em: <<https://bitly.com/Wn7CG>>. Acesso em 14 jul 2020.
- PAIM, J. et al. (2011). Saúde no Brasil. O sistema de saúde brasileiro: história, avanços e desafios. *The Lancet*, 377(9779).
- PERETTI-WATEL, P. et al. (2013). Dramatic change in public attitudes towards vaccination during the 2009 influenza A pandemic in France. *Eurosurveillance*, 18(44), 20623.
- PINTO JUNIOR, V. (2019). Anti-vacinação, um movimento com várias faces e consequências. *Cadernos Ibero-Americanos De Direito Sanitário*, 8(2), 116-122.
- POLAND, G. & JACOBSON, R. (2001). Understanding those who do not understand: a brief review of the anti-vaccine movement. *Vaccine*, 19(17-19), 2440-2445.
- PORTO, M. (2003). Uma revolta popular contra a vacinação. *Ciência e cultura*, 55(1), 53-54.
- REPUBLIQUE FRANÇAISE. (2020b) *BCG: vaccin contre la tuberculose*. Disponível em: <<https://bitly.com/ZyvPg>>. Acesso em 08 jul 2020.
- _____. (2020b) *Calendrier vaccinal*. Disponível em: <<https://bitly.com/THRWp>>. Acesso em 08 jul 2020.
- RIBEIRO, J. (2018). *Notícias falsas ou questionáveis compartilhadas em mídias sociais na era da pós-verdade: uma análise do uso da informação científica em postagens sobre vacinas no Facebook*. (Trabalho de Conclusão de Curso). Universidade de Brasília: Brasília.
- SARAIVA, L. & DE FARIA, J. (Setembro, 2019). *A Ciência e a Mídia: A propagação de Fake news e sua relação com o movimento anti-vacina no Brasil*. In: 42º Congresso Brasileiro De Ciências Da Comunicação, Belém (PA).
- SATO, A. (2018). Qual a importância da hesitação vacinal na queda das coberturas vacinais no Brasil?. *Revista de Saúde Pública*, 52, 96.
- SHIMIZU, N. (2018). Movimento Antivacina: A memória funcionando no/pelo (per) curso dos sentidos e dos sujeitos na sociedade e-urbana. *Revista do EDICC*, 5(5).
- SMITH, N. & GRAHAM, T. (2017). Mapping the anti-vaccination movement on Facebook. *Information, Communication & Society*, 22(9), 1310-1327.
- VACINACION INFO-SERVICE. (2010). *Quelles sont les vaccinations obligatoires des enfants?*. Disponível em: <<https://bitly.com/cz6kw>>. Acesso em 8 jul 2020.
- VOSOUGHI, S; ROY, D. & ARAL, S. (2018). The spread of true and false news online. *Science*, 359(6380), 1146-1151.
- WARD, J. et al. (2015). Vaccine-criticism on the internet: new insights based on French-speaking websites. *Vaccine*, 33(8), 1063-1070.
- WELLCOME TRUST. (2018). *Wellcome Global Monitor 2018: How does the world feel about science and healthy?* Gallup.
- WOLFE, R. & SHARP, L. (2002). Anti-vaccinationists past and present. *Bmj*, 325(7361), 430-432.
- WORLD HEALTH ORGANIZATION. (2019, 21 mar). **Ten threats to global health in 2019**. Disponível em: <<https://bitly.com/1FmmM>>. Acesso em 3 dez 2020.
- ZORZETTO, R. (2019). As razões da queda da vacinação. *Revista Fapesp*, ed. 270, ago. Disponível em: <<https://bitly.com/KPZB0>> Acesso em 29 out 2020.

